

A festa de navegantes na Colônia Z-3 de Pelotas: uma questão de identidade e fé

Alessandra Buriol Farinha¹
Jerusa Oliveira Michel²
Claudio Baptista Carle³

RESUMO: O presente ensaio é do estudo da identidade religiosa dos moradores da Colônia Z-3 em Pelotas, RS a partir de artigos publicados no jornal comunitário "O Pescador". São apresentados aspectos sobre a religiosidade popular local, principalmente ao que se relaciona à devoção a Nossa Senhora dos Navegantes, padroeira dos trabalhadores do mar. A Festa de Navegantes ocorre na cidade de Pelotas desde o ano de 1932, vinculada a paróquia Sagrado Coração de Jesus, no bairro portuário da cidade. Nos anos 60 foi transferida para a Colônia de Pescadores Z-3. O estudo é fundamentado em leituras sobre religiosidade e território na constituição da cultura. Foi percebida a identidade religiosa de forte influência na devoção em Navegantes na Colônia Z-3 em Pelotas. A Festa ainda ocorre anualmente, é possível identificá-la como patrimônio cultural imaterial da cidade, elevando sua importância social.

PALAVRAS-CHAVE: *identidade, navegantes, jornalismo comunitário.*

ABSTRACT: El trabajo es el estudio de la identidad religiosa de los habitantes de la Colonia Z-3, en Pelotas, RS de artículos publicados en el periódico de la comunidad "El Pescador". Aspectos se presentan en el lugar religioso popular, especialmente cuando se refiere a la devoción a Nuestra Señora de los Navegantes, la Santa patrona de los trabajadores del mar. La Fiesta de Nuestra Señora de los Navegantes ocurre en Pelotas desde 1932, vinculada al Iglesia Sagrado Corazón de Jesús en el barrio de puerto. En los años 1960 fue transferida a la Colonia de Pescadores Z-3. El estudio se basa en las lecturas sobre la religión y territorio en la constitución de la cultura.

¹ Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil. Turismóloga, Especialista em Patrimônio Cultural, mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil; CAPES. E-mail: alefarinha@yahoo.com.br

² Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil. Jornalista, mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil. E-mail: jerusa.michel@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil. Arqueólogo, Professor Adjunto pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil. E-mail: cbcarle@yahoo.com.br

En la identidad se percibe la devoción religiosa en una fuerte influencia de Señora de los Navegantes en la Colonia Z-3. La fiesta sigue siendo celebrada cada año, es posible identificarla como patrimonio cultural inmaterial de la ciudad, aumentando su importancia social.

KEY-WORKS: *identidad, navegantes, periodismo de comunidad.*

Introdução

O artigo é fruto de um estudo de caso sobre devoção, fé e identidade cultural que se desenvolve na Colônia de pescadores Z-3 em Pelotas, Rio Grande do Sul. O objeto de pesquisa possui forte apelo ao que se refere à fé e devoção a Nossa Senhora dos Navegantes. Constituída por pescadores profissionais e artesanais, a Colônia Z-3 fica localizada no município de Pelotas, Rio Grande do Sul e é classificada como zona rural, pertencendo ao 2º Distrito do município.

Localizada as margens da Lagoa dos Patos, a comunidade se caracteriza por uma relação muito especial entre cultura e natureza, uma vez que a relação de interdependência entre elas é muito forte. A atividade econômica principal da vila permanece sendo a pesca.

No início eram apenas 40 famílias que moravam na colônia. Olegário Costa, João Motta, Silvino Costa, Ildefonso Barcelos, Miguel Irigon, Inácio Motta, Francisco Costa e Fausto Carrenha foram alguns dos primeiros moradores (O Pescador, Ed. 02, 2000).

Mais conhecida como Arroio Sujo (O Pescador, Ed. 02, 2000) a Colônia Z3 foi fundada em 29 de junho de 1921 e em 1965 suas terras foram doadas pela firma Coronel Pedro Osório. Desde o início os pescadores enfrentaram problemas, pois os barcos eram movidos pela força dos ventos e as redes eram confeccionadas em linhas de algodão e embebidas em uma mistura de óleo de linhaça para que ficassem mais resistentes.

Na Colônia, em tempos de dificuldade, era de costume recorrer a Nossa Senhora dos Navegantes, tida como protetora dos

A festa de navegantes na Colônia Z-3 de Pelotas: uma questão de identidade e fé

trabalhadores do mar. A Santa protegia os pescadores das tempestades e perigos que o mar, as lagoas e os rios ofereciam. Pediam a Santa proteção, para retornarem aos seus lares e suas famílias em segurança, terem saúde e uma boa safra.

No início da década de 60, foi iniciada a construção do Santuário em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes, construído através de doações de uma porcentagem do lucro que os pescadores obtinham com a safra. Porém, como nem sempre as safras eram boas, a igreja demorou algum tempo para ser finalizada (Eco-museu da Colônia Z3, s/p, 2011).

Até hoje os moradores da colônia Z-3 celebram com muita fé e devoção a Festa de Navegantes no dia 02 de fevereiro, sendo este o maior evento que ocorre anualmente no local. A pesquisa sobre a religiosidade popular local, principalmente em relação à devoção a Nossa Senhora dos Navegantes foi dedicada aos artigos publicados no jornal comunitário "O Pescador". O periódico em questão surge em 2000, idealizado pelos estudantes do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pelotas. É editado mensalmente e direcionado principalmente à comunidade da Colônia de Pescadores Z-3.

A festa de navegantes: origem e história

O culto a Nossa Senhora dos Navegantes⁴ tem origens longínquas e variadas. De acordo com Funari e Pelegrini (2008, p. 86), no antigo Mediterrâneo faziam-se procissões para divindades femininas. Com o cristianismo, as celebrações tiveram continuidade, mas aos poucos as imagens pagãs foram sendo substituídas pela Virgem Maria, mãe de Deus.

Megale (2009, p. 37) coloca que a devoção a Nossa Senhora pelos navegantes (marinheiros, pescadores, trabalhadores

⁴ A pesquisa da Festa antiga e atual está sendo realizada sobre uma documentação dispersa, tratamos neste ensaio do seu fluxo no jornal comunitário, para o entendimento mais amplo da mesma usamos alguns dos outros documentos de referência deste estudo ampliado.

do mar, etc.) teve origem durante a Idade Média, no tempo das cruzadas, quando cristãos atravessavam o Mediterrâneo saindo da Palestina, a fim de defenderem os lugares santos da profanação pelos infiéis. De acordo com a autora, eles tinham conhecimento das terríveis travessias marítimas enfrentadas em embarcações frágeis da época, por isso recorriam à intercessão da Virgem Maria quando se viam à mercê das ondas.

No tempo das grandes navegações, de acordo com Megale (2009, p. 38), a devoção se desenvolveu ainda mais entre os navegadores portugueses e espanhóis, que se aventuravam no oceano imenso e desconhecido. Antes da partida das embarcações os viajantes participavam da Santa Missa pedindo a proteção da Mãe dos Navegantes na jornada.

O começo da devoção a Navegantes no Brasil possui vários títulos conferidos a Nossa Senhora: Senhora dos Mares, Nossa Senhora da Boa Viagem, Nossa Senhora dos Navegantes, entre outros. De acordo com Funari e Pelegrini (2008, p. 90), a Festa de Navegantes pode ser considerada um significativo exemplo de processo de assimilação ritual e de transformação que ocorrem com o tempo.

A invocação de Nossa Senhora dos Navegantes é muito usada entre os pescadores, homens modestos que diariamente enfrentam o furor das ondas à procura do sustento para suas famílias. A prova disso é que os mais conhecidos Santuários da Padroeira estão situados em áreas de pescaria como: Fortaleza, no Ceará, Penedo, na foz do Rio São Francisco, e principalmente em Cananéia, o primeiro centro habitado do sul do Brasil, e Porto Alegre. Em todos esses núcleos pesqueiros a festa da Padroeira é

celebrada com animadas procissões marítimas precedidas da embarcação que leva a Virgem Maria. Entretanto, os festejos mais famosos, que atraem todos os anos milhares de turistas, são os da capital gaúcha. No dia da Festa realiza-se animado cortejo fluvial, durante o qual os devotos atiram ao Rio Guaíba flores, fitas e guirlandas como oferenda à Protetora dos Navegantes (Megale, 2009, p. 38).

No estado do Rio Grande do Sul, a celebração mais antiga de Nossa Senhora dos Navegantes é, possivelmente, a realizada em São José do Norte, cuja Matriz possui uma imagem barroca dessa invocação. A Festa em outras cidades do país tem proveniência a partir do ofício do Pescador. Vale ressaltar que a antiga Festa de Navegantes de Pelotas foge deste contexto, sendo elaborada não sob o contexto do trabalho do pescador, mas pela proximidade do bairro ao Porto de Pelotas, onde ocorria intensa atividade comercial na cidade.

De acordo com Braga (1998), a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de Porto Alegre⁵ é a maior festa de devoção popular do estado e uma das maiores manifestações religiosas do País. A procissão do dia 02 de fevereiro chega a reunir, de acordo com Steil (2004, p. 13), cerca de um milhão de peregrinos.

⁵ De acordo com Cavedon (1992, p. 31), a primeira imagem de Nossa Senhora dos Navegantes chegou a Porto Alegre em janeiro de 1871, encomendada por portugueses residentes em Porto Alegre de um escultor português radicado às margens do Rio Douro, na cidade de Porto, em Portugal. Como estava próximo o dia 2 de fevereiro daquele ano, considerado pela Igreja Católica como o “Dia da Purificação de Nossa Senhora”, esse dia foi escolhido para ser de exaltação à Nossa Senhora dos Navegantes, comemorado anualmente. A Santa ganha, pouco depois, sua capela própria, no bairro que justamente viria a se chamar Navegantes. Após um incêndio, ao que tudo indica criminoso (Cavedon, 1992, p. 43) que a destruiu, em 1910, ergueu-se o atual Santuário no ano de 1912.

A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes em Pelotas teve origem no ano de 1932, vinculada à Paróquia Sagrado Coração de Jesus, conhecida como Igreja do Porto, na zona do Porto de Pelotas. Ela foi transferida para a Colônia de Pescadores Z-3, há 25 km do Bairro do Porto, em meados dos anos 60 (Eco-museu da Colônia Z3, s/p, 2011). O fato pode ser verificado nas FIGURAS 01 e 02, que representam souvenirs distribuídos durante a Festa de Navegantes, que mencionam o Local e Promotores do evento religioso.

A documentação sobre a Festa, fora o jornal foco desse estudo é diversificada e sendo que este estudo possibilitou um amplo inventário destes. Este estudo de caso traz alguns destes outros documentos para aprimorar a interpretação evidenciada pelo jornal “O Pescador”. Os Santinhos ou *Souvenir's* da Festa de Navegantes de Pelotas oferece uma narrativa do envolvimento de devoção que a Festa proporciona a população da cidade.

Desde sua criação, a Festa de Navegantes já contava com a participação de moradores da Colônia Z-3, que vinham, em sua maioria de barco para acompanhar a procissão fluvial e programações que envolviam a Festa⁶. Talvez um dos motivos para a transferência da Festa para a Colônia de Pescadores tenha sido pela intensa participação dos moradores na Festa de Navegantes que era realizada no Porto.

Estuda-se também a documentação fotográfica produzida anteriormente e pela pesquisa hoje. A FIGURA 03 representa o momento inicial da missa festiva no Santuário de Nossa Senhora dos Navegantes, na Colônia Z3 no ano de 2011. Indica a forte participação popular, tanto de moradores da colônia de pescadores quanto de integrantes de comunidades do centro e de outros bairros de Pelotas. Encontravam-se na celebração, pessoas de idade avançada, crianças, famílias inteiras. Havia oferenda de flores para a Santa. Do lado de fora do Santuário, outra multidão participava da

⁶ Dados colhidos através de entrevistas com paroquianos da Igreja Sagrado Coração de Jesus, moradores do Porto, e devotos de Navegantes que participavam da Festa no começo do século XX. Parte da dissertação de mestrado da autora Alessandra Buriol Farinha.

missa festiva em pé, sobre a incidência do sol forte das 10h30min da manhã. A maioria da assembleia permanecia em pé durante a celebração da missa.

À frente, no altar estão as lideranças da Igreja Católica de Pelotas, o Bispo Arquidiocesano, pároco do Santuário, clérigos e ministros da Igreja. A imagem da Santa que se vê ao fundo da Igreja, à esquerda é a Imagem original da primeira Festa de Navegantes do Porto, de 1932. Durante toda a Festa na Colônia Z3 os fiéis tocam na Santa, fazem pedidos e orações, oferecem flores, entoam cânticos. Observamos que esta antiga imagem não sai do Santuário.

Às 15h uma imagem menor é embarcada na colônia de pescadores e segue pela Lagoa dos Patos rumo ao Cais do Porto de Pelotas. Ao chegar no Porto de Pelotas, a imagem segue em procissão terrestre até a Paróquia do Porto, acompanhada de fiéis moradores do bairro portuário, onde é celebrada a missa de encerramento da Festa de Navegantes. Encerra assim um dia inteiro de festividades em devoção à Nossa Senhora dos Navegantes na cidade de Pelotas. Festa que envolve várias regiões, municípios, clérigos e fiéis em procissão motorizada, terrestre, fluvial e celebrações em homenagem à Santa.

Jornal comunitário e memória coletiva

É através da comunicação que o ser humano se diferencia das outras espécies. A comunicação propicia a formação das identidades, a cada geração, nas tradições, na cultura, que se modificam com o decorrer dos anos, conforme a dinâmica de cada grupo. A linguagem pode marcar a estrutura da identidade justamente por ser capaz de perpetuar formas de fazer, de entender e de ser no mundo. O aprendizado através da comunicação verbal, gestual, escrita, auxilia a inserção de determinado indivíduo em grupo específico. Este indivíduo aprende o que é a identidade do grupo e incorpora os saberes de forma

sinérgica, às vezes aperfeiçoando-os conforme a dinâmica sócio-cultural do grupo.

O jornalismo desde seu surgimento tem se revelado um campo particular de estudos ao pensarmos sua relação com a sociedade e com os grupos sociais, pois ele existe em função ou por influência dos mesmos. O jornal, como meio de comunicação massivo, configura-se como espaço discursivo, pois materializa o discurso midiático a partir de condições linguísticas e sociais próprias. Sua significação é produzida construindo ou reconstruindo a informação que transmite de acordo com essas condições e pela forma como os elementos se apresentam no contexto sócio-cultural de onde se originam.

Um jornal comunitário pode auxiliar a população na socialização do indivíduo, por ser, de forma diferente da grande imprensa (Marcondes Filho, 1987; Guareschi, 2004), humanizador do sujeito como um ser importante no grupo. O jornal comunitário constitui um espaço de realização individual e coletivo, onde as vivências e experiências são relatadas de maneira informal. O jornal comunitário pode ser, portanto, um documento representativo da memória coletiva de determinada comunidade.

Essa posição sobre o jornalismo comunitário como humanizador do sujeito e como espaço de realização do próprio indivíduo, e do grupo, encontra eco no pensamento de Claval (1999, 2001) quando o autor coloca que aquilo que é escrito cria um novo tipo de memória, que é objetiva, material.

De acordo com o autor, ao conservar discursos, essa memória tem uma característica importante que é de ser cumulativa, assim permitindo que os saberes se desenvolvam mais ricos, mais diferenciados, eruditos. A forma cumulativa também auxilia nos estudos da dinâmica da mudança de comportamento cultural com o passar dos anos ou, a permanência de ações, crenças, fazeres que se perpetuam através de gerações.

A comunicação traz à tona fatos que marcam a memória coletiva dos grupos em todas as épocas. A cobertura jornalística de

diferentes grupos sociais, o registro pela mídia, e a vivência direta dos acontecimentos dos grupos envolvidos constroem a memória coletiva local.

Na medida em que a ação humana não é fundamentada diretamente sobre o instinto, mas sobre o instinto contextualizado, normatizado e canalizado pela cultura, ela supõe memorização de esquemas de condutas, atitudes, práticas e conhecimentos. As formas que revestem a memória são múltiplas. (Claval, 2001, p. 83)

Paul Claval, intrincado na geografia cultural, entende que o fato humano é fruto de uma ação contextualizada, ou seja, constituída por um compromisso dos atores com suas ações, compromisso este formalizado pela cultura. A ação é entendida como normatizada e canalizada pelas tradições e pelas manutenções das formas de fazer e de pensar. Há, para este autor, uma memorização de esquemas de condutas, atitudes, práticas e conhecimentos, ou seja, as ações não são casuais, são sempre envoltas por um pensamento coletivo e um fazer coletivo que efetivado em grupo ou individualmente.

Assim entende que as “formas que revestem a memória” são de diferentes dimensões e campos do contexto. A perpetuação da cultura é posta em prática, inicialmente, pela memória verbal, por meio do relato. Ou seja, é pensada, pois o pensar se efetiva nas verbalizações. A memória visual, como um segundo momento, o ver para entender e repetir as ações, esta memória desenvolve-se através do olhar, podendo apoiar-se em procedimentos verbais, e posteriormente pode ser objetiva em função da escrita. E neste sentido o jornal comunitário é um meio explícito, de manutenção de memórias coletivas, pela forma como é constituído.

Os objetos não são simplesmente suportes da memória funcional. Eles tomam frequentemente uma forma simbólica [...] A cultura de um grupo não se confunde mais com a soma de conhecimentos e práticas que as pessoas têm presentes hoje na sua memória – um conjunto relativamente frágil e limitado. Ela comporta também todo saber latente depositado nos livros (moles, 1967) e que pode ser reanimado a qualquer momento. [...] Ao contato de civilizações dotadas de escrita, as sociedades orais modificam-se: seus membros aprendem a se apoiar em documentos elaborados e conservados pelos outros para assentar sua influência e ter acesso ao poder (Amselle, 1990 Apud. Claval, 2001, p. 84-85)

A materialização da memória em objetos não os destina à condição de meros “suportes da memória funcional”. Há uma re-significação da memória objetiva imbricada nos documentos escritos, porém estes, quando lidos diretamente, trazem o teor das imagens sociais de quem os criou. Portanto, o jornal comunitário pode ser re-lido no presente pelos criadores e re-significados, mas o seu significado original ainda está nele.

O que é importante é a forma simbólica que estes objetos de memória se constituem, pois sua criação objetiva, fruto da linguagem escrita, é base pra a manutenção daqueles antigos significados. A fragilidade e limitação da memória atual são compensadas pelo conhecimento patente e latente (simbólicos) depositado nos textos, que são re-significantes de um passado no presente.

A escrita nas sociedades, que era tipicamente oral, propicia o apoio à sua memória que se mantinha por intensas repetições. Hoje estas já podem ser re-lidas, e o acesso a elas é mais universalizado.

Verifica-se, então, que as matérias e artigos veiculados em um jornal comunitário trazem geralmente comentários sobre temas que atingem ou fazem parte da vida da comunidade. Esta sinergia oportuniza sua compreensão pela redação, que costuma usar linguagem mais informal e coloquial, principalmente quando o público leitor tem baixo nível de instrução formal, contribuindo para a formação de sua memória objetiva. Isto fortalece também a inclusão e participação da coletividade a que se dirige.

O veículo de comunicação utilizado como um dos objetos de estudo deste artigo, o jornal comunitário "O Pescador", surgiu na Escola de Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas – no curso de Jornalismo, por uma reivindicação dos próprios alunos, com o objetivo de discutir e desenvolver o jornalismo comunitário, ou seja, de novas formas de ação jornalística, a partir de um processo comunicativo horizontal, alternativo, participativo e inclusivo. Trata-se da produção de um jornal comunitário impresso, de periodicidade mensal, direcionado à comunidade da Colônia de Pescadores Z3, bairro periférico da cidade de Pelotas.

O projeto que se desenvolve desde o ano 2000, tendo como ideal o desenvolvimento de novas formas de comunicação, baseado nas teorias do jornalismo comunitário, ou seja, propor um veículo alternativo e popular, voltado para os interesses da comunidade. O principal, no entanto, é que o jornal deveria ser feito a partir dos moradores, que sempre tiveram uma participação forte e decisiva na sua elaboração. Este veículo toma como simbólico destes pescadores a Festa de Navegantes, tema deste ensaio como podemos perceber a seguir.

A devoção dos moradores da colônia Z-3 nas páginas do jornal “O pescador”

A devoção mariana em relação à imagem relacionada ao espaço naval, como indicamos acima, aparece em Pelotas ligada a uma procissão não diretamente vinculada aos pescadores, apesar da presença dos mesmos naquela atividade. Mas quando esta toma força no espaço da sua Comunidade, a Colônia de Pescadores Z3, a efetivação simbólica desta ação na memória deste grupo é evidenciada. Os textos e apelos da comunidade no veículo midiático do jornal tomaram vulto e representam, até hoje, foco de preservação da identidade desta comunidade com esta devoção.

Desde que se iniciou o jornal “O Pescador”⁷ oferece atenção especial à procissão de Nossa Senhora dos Navegantes, sendo este o tema que ocupa quase a totalidade da capa da edição número 17 do jornal (FIGURA 04).

A música de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, lançada em 1993, Nossa Senhora, estampada na capa da edição retratada na Figura 04, exprime a fé dos devotos e o caráter da procissão que envolve centenas de pessoas todos os anos, desde o seu início em 1932, e que renovam sua fé no dia da padroeira. Cabe lembrar que a edição final sempre é revisada pelas lideranças da comunidade ou por pessoas destacadas pela comunidade para isso. Desta forma se assegura a preservação dos argumentos que são sempre validados pela comunidade.

Segundo o Bispo Auxiliar de Pelotas, em declaração fornecida ao jornal “O Pescador”, na edição número 17, de janeiro e fevereiro de 2003, “Nossa Senhora representa a mãe que cuida, a quem sempre podemos recorrer. Na companhia dela a gente se sente mais filho de Deus e irmão um do outro. Estar com ela é sentir-se em casa com a nossa mãe”. Este pensamento reflete a

⁷ O jornal, como veículo de memória objetiva pode ser apreciado nestas escolhas que a pesquisa proporcionou, temos como foco o simbólico da Festa de Navegantes.

***A festa de navegantes na Colônia Z-3 de Pelotas:
uma questão de identidade e fé***

interação que o povo tem com este fato simbólico que é a Festa. A publicação da fala reflete o interesse que a comunidade tem com o universo de irmandade proposto pela mesma. Irmanar-se como símbolo de união dos pescadores numa imagem que os conduz em seus espaços de trabalho diário que é o espaço naval.

Em enquete realizada pelo jornal “O Pescador”, na edição número 27, de março de 2004, sobre o significado da Festa de Navegantes, percebe-se que a Festa é um evento consolidado e de valor inestimável não só para a comunidade da Colônia Z3, mas para todos os que são devotos da Santa. Abaixo elencamos alguns destes depoimentos⁸:

Eu entendo que a festa de Navegantes, que conheço desde o fim da década de 40 quando vim estudar em Pelotas, vejo que hoje damos muito mais valor por ela representar o povo que trabalha no mar, na Lagoa... Ela é muito importante, pois hoje está associada ao turismo, já que essas pessoas vêm do interior do Estado, para participar do evento, visto que em suas cidades não há festa igual a esta. (Erico Ribeiro, Deputado Federal).

Homenagear Nossa Senhora dos Navegantes, na qual depositamos muita esperança e os pescadores. A fé fortalece a alma. (Edailson Silva, Presidente do Salão Paroquial).

Sou devoto de Nossa Senhora dos Navegantes e navegante, e para mim é uma manifestação de fé. Ela é uma marca

⁸ Depoimentos transcritos do Jornal “O Pescador”, edição n° 27.

da cidade de Pelotas, é um patrimônio cultural. Evidentemente, tem um impacto econômico na Z-3, não só porque festejam ou lamentam a safra, mas renovam a fé e a esperança de cada dia. (...) A tradição da culinária local é diferenciada e esse fator é capaz de alavancar o turismo. A Z-3 tem muito a oferecer a pelotas e aos visitantes da comunidade. (Fernando Marrone, Prefeito Municipal de Pelotas).

A partir dos depoimentos observados acima, podemos perceber que a Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes é parte fundamental da cultura e da identidade social dos moradores da Colônia de pescadores Z-3. Percebe-se também que a devoção em Nossa Senhora, pelos navegantes representa para alguns, uma esperança de reconhecimento do potencial do turismo religioso, cultural e gastronômico da Colônia Z-3 como forma de desenvolver econômica e socialmente o local. Para outros, ela faz parte da identidade social e cultural da comunidade em que estão inseridos.

Pode-se dizer que a *Identidade Social* é essencialmente caracterizada pela forma como nós próprios nos vemos, é um sentido do “eu” ancorado num modelo com o qual nos identificamos, conjugada com a forma como os outros nos vêem. Isto quer dizer que a identidade social requer um certo grau de escolha, ao mesmo tempo que exige um nível de conscientização. Por identidade, entende-se, conforme Pollack, “a imagem de si, para si e para os outros”, isto é

A imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para

ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (Pollack, 1992, p. 204).

De acordo com estudos contemporâneos o indivíduo possui várias fontes identitárias, identidade de gênero, nacional, etária, étnica, profissional, entre outras. A identidade social é algo que se constrói individualmente, mas é algo que é dinâmico e é influenciada pelas relações sociais entre os indivíduos que compõem essa mesma sociedade. Isto porque “[...] a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros” (Pollack, 1992, p. 204).

Percebe-se através do estudo realizado que a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes está inserida na cultura da comunidade que constitui a Colônia de Pescadores Z3, que influencia e é influenciada pelos indivíduos que a compõe, por isso está presente na construção da identidade individual e coletiva, e que ao ser evidenciada no contato com outros grupos sociais, é aceita e possui credibilidade, reforçando o caráter identitário.

Considerações Finais

A cultura está no espaço. Não depende dele para existir, mas sua ligação é intrínseca. De acordo com Castells (1999), a cultura é fruto de significados, atributos culturais, relacionamentos que se constituem em determinado espaço. O lugar de viver dos humanos, que se dá o nome de espaço, é onde eles se identificam entre si, se agregam, ou pelo contrário, se segregam.

Em um mesmo espaço podem existir várias identidades que se relacionam entre si, formando a coletividade. Castells (1999) coloca que toda a identidade é construída; esta construção se dá no

espaço de vivência, de convivência. O espaço pode agir como fomentador, incentivador de determinada manifestação cultural.

A pesquisa no periódico “O Pescador” demonstra que a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, fenômeno religioso que ocorre na Colônia Z-3 é algo com que a comunidade se identifica e dá sentido de pertença, tanto pela fé quanto pela história da antiga devoção com relação aos trabalhadores do mar. O espaço, portanto age como incentivador da manifestação popular.

A Festa ainda ocorre anualmente em Pelotas, na Colônia Z3. Por ser tradicional na cidade, completando 80 anos de existência no ano de 2012, é possível considerá-la um patrimônio da cultura imaterial da cidade de Pelotas, elevando sua importância social.

O patrimônio cultural pode ser reconhecido pelo senso comum como ícones de representação de um coletivo. Muitas vezes a memória e a identidade estão arraigadas na sociedade de forma subjetiva. Já no senso comum, o que é representativo é a questão pessoal, o sentimento, lembranças, vivências. O estudo realizado através do Jornal comunitário “O Pescador”, indica que existe uma identidade religiosa de forte influência da devoção a Nossa Senhora, pelos navegantes na Colônia Z-3 em Pelotas.

Figuras



Figura 01
Souvenir da Festa de Navegantes de Pelotas, 1968.

Fonte: Acervo pessoal dos pesquisadores.

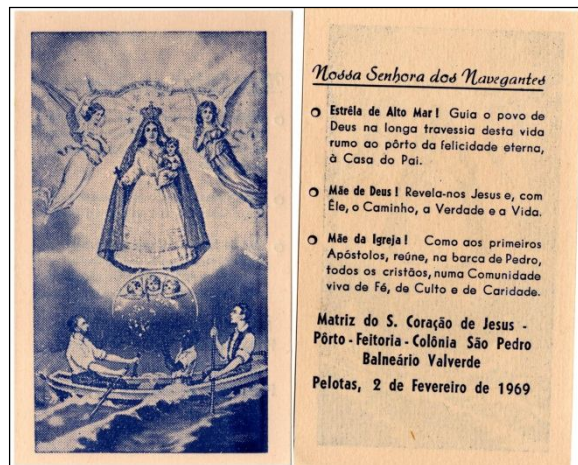


Figura 02
Souvenir da Festa de Navegantes de Pelotas, 1969.

Fonte: Acervo pessoal dos pesquisadores.



Figura 03

Missa Festiva da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes na Colônia Z3, em Pelotas, 2011.

Fonte: Acervo pessoal dos pesquisadores.



Figura 04

Jornal "O Pescador" edição número 17 – Janeiro/Fevereiro de 2003

Fonte: Acervo pessoal dos pesquisadores.

Bibliografia

- ARANTES, Antonio Augusto. O patrimônio imaterial e a sustentabilidade de sua salvaguarda. In: *Revista DaCultura*, ano IV, nº7. Disponível no site da Funceb: <http://www.funceb.org.br/pdf.html>. Acesso em 14 jun 2011.
- BRAGA, Reginaldo Gil. Batuque jeje-ijexá em Porto Alegre – A música no culto aos Orixás. Porto Alegre: Fumproarte, Secretaria Municipal de Cultura, 1998.
- CANDAU, Joel. Antropologia de La memória. Buenos Aires: Nueva Vision, 2002.
- CANDAU, Joel. Memória e Identidade. São Paulo: Editora Contexto, 2011.
- CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.
- CASTRO, Maria Laura Viveiros de; FONSECA, Maria Cecília Londres. Patrimônio Imaterial no Brasil: Legislação e Políticas estaduais. Brasília: UNESCO/ Educarte, 2008.
- CAVEDON, Neusa R. Navegantes da esperança: análise de um ritual religioso-urbano em Porto Alegre. 1992. Dissertação (Mestrado)– Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.
- CLAVAL, Paul. A geografia cultural: o estado da arte. In: CORRÊA, R.L. et al. (org.). Manifestações da Cultura no Espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- CLAVAL, Paul. Transmissão da experiência coletiva e Gênese das culturas. In: *A geografia cultural*. 2ª edição. Florianópolis: Ed. UFSC, 2001.
- GUARESCHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra. Textos em representações sociais. Petrópolis – RJ: Vozes, 1994
- MARCONDES FILHO, Ciro. Jornal comunitário e mobilização popular. In: *Quem manipula quem: poder e massas na indústria da cultura e da comunicação no Brasil*. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

- PELEGRINI, Sandra C. A.; FUNARI, Pedro Paulo. O que é Patrimônio cultural Imaterial. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.
- PESCADOR, O. Edição número 02, de junho de 2000.
- PESCADOR, O. Edição número 17, de janeiro e fevereiro de 2003.
- PESCADOR, O. Edição número 27, de março de 2004.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol. 2, n. 3, 1989.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol. 5, n. 10, 1992.
- IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/>. Acesso em 14 jun 2011.
- ECO-MUSEU DA COLONIA Z3. Disponível em: <http://ecomuseudacoloniaz3.blogspot.com.br/>. Acesso em 14 jun 2011.
- TRAQUINA, Nelson. Jornalismo: questões, teorias e história. Lisboa: Vega, 1993.

Recebido em: 11/08/2011

Aprovado em: 25/10/2011

Publicado em: 06/12/2011